



ESPECIAL

## ALTERNATIVAS DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO NA INTERNET: ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS<sup>1</sup>

Wilton Garcia<sup>2</sup>

**RESUMO:** Dos campos contemporâneos da comunicação e da cultura, este texto enfoca a diversidade e as mídias alternativas, ao (re)considerar a produção de conteúdo na rede mundial de computadores – a internet. Este ensaio destaca, de modo estratégico, consumo e tecnologia na atualidade. São reflexões e críticas que desdobram desafios da produção de conhecimento, subjetividade e informação na atualidade. Do ponto de vista da teórico-político, os estudos contemporâneos pontuam atualização e/ou inovação, a ressaltar a aproximação dos estudos culturais com as tecnologias emergentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Diversidade. Mídias Alternativas. Estudos Contemporâneos.*

**ABSTRACT:** From contemporary fields of communication and culture, this text focuses on diversity and alternative media, to (re)consider the content production in the global computer network – the internet. This essay highlights, strategically, consumption and technology today. They are reflections and critiques that unfold the challenges of the production of knowledge, subjectivity and information in the present time. From the point of view of the theoretical-political, contemporary studies point to updating and/or innovation, emphasizing the approximation of cultural studies with emerging technologies.

**KEYWORDS:** *Diversity. Alternative Medias. Contemporary Studies.*

---

<sup>1</sup> Agradeço aos participantes do Grupo de Pesquisa Mídias Contemporâneas [MIDCON\_] do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), pelo apoio no desenvolvimento deste texto-ensaio, que faz parte da pesquisa atual: Imagem, cultura e diversidade: estudos contemporâneos.

<sup>2</sup> Artista visual, pesquisador e professor da Fatec-Itaquá/SP e do Mestrado em Comunicação e Cultura da Uniso. Doutor em Comunicação pela ECA-USP e Pós-Doutor em Multimeios pelo IA/UNICAMP. Autor de Feito aos poucos (2013), entre outros. Email: 88wgarcia@gmail.com

Dedicado ao  
Prof. José Carlos Bortot  
(*in memoriam*)

*A charada do consumo*  
Atacar a espiral consumista é fácil –  
uma porta aberta;  
o desafio é entender suas causas e dinâmicas:  
a natureza do seu poder sobre a psicologia humana.  
*O que move o consumo?*  
Giannetti (2016, p. 71)

O cotidiano está bastante pautado pelo viés do consumo, visto que consumir agora legitima uma proposta de identidade (de)marcada por fatores mercadológico-midiáticos, exclusivamente econômicos. Essa situação crítica estabelece a precariedade no viver humano com a troca de valores. Prevalece a força do capital. O desfecho disso reverbera nas tomadas de decisões (apropriadas ou inapropriadas) com escolhas e preferências selecionadas sem qualquer proposição mais profunda. Com perplexidade, a epígrafe deste texto desafia o/a leitor/a para refletir sobre as (dis)junções do consumo na atualidade.

Há uma ausência de ações colaborativas e/ou cooperativas na interatividade das pessoas nas redes sociais. Testemunha-se o incompatível na falta de solidariedade. Essa hipótese salienta a frenética agitação/aceleração de atitudes e comportamentos (como ansiedades) provocadas pela internet, sem necessariamente obter grandes resultados. Rendueles (2016) demonstra as dificuldades que a cultura digital – em especial seus dispositivos computadores, *tablets*, internet, redes sociais, telefone celular, entre outros – tem para superar a sociabilidade humana.

As tecnologias da comunicação têm gerado uma realidade social reduzida, não ampliada. Pela primeira vez, a cultura de massa é mais que uma metáfora. A internet não melhorou nossa sociabilidade em um ambiente pós-comunitário, simplesmente rebaixou nossas

expectativas com relação ao vínculo social (Rendueles, 2016, p. 101-102).

Dos campos contemporâneos da comunicação (Downing, 2002; Freitas, 2007; Garcia, 2005) e da cultura (Eagleton, 2005; Giannetti, 2016; Pelbart, 2013; Ribeiro, 2017; Vargas-Llosa, 2012), este texto enfoca a diversidade e as mídias alternativas, ao (re)considerar a produção de conteúdo na rede mundial de computadores – a internet. Parto da premissa de que o encontro de dois fatores distintos – diversidade e mídias alternativas – favorece mudanças radicais nessa produção de conteúdo. Eis a necessidade de avançar na discussão a respeito da confluência, da convergência e, paradoxalmente, da (dis)junção entre diversidade e mídias alternativas. As derivativas dessa controvérsia, de alguma maneira, tentam atualizar as diretrizes críticas, reflexivas e/ou conceituais.

Nesse contexto, surge uma questão: como investigar dinâmicas atuais entre diversidade e mídias alternativas no ambiente digital, ao permear a produção de conteúdo na internet?

Na efervescência de tal questão, os *estudos contemporâneos* (Canclini, 2016; Gumbrecht, 2016) pontuam atualização e/ou inovação, a ressaltar a aproximação dos *estudos culturais* (Eagleton, 2005) com as *tecnologias emergentes* (Rendueles, 2016; Vargas-Llosa, 2012; Yúdice, 2016). Esses estudos pesquisam as (re)formulações a respeito das coisas no mundo como (re)dimensão teórica, política e/ou social.

Consequentemente, são reflexões e críticas que problematizam a produção de conhecimento, a produção de subjetividade e a produção da informação na atualidade. Ao fomentar intercâmbios de pesquisas interdisciplinares, neste ensaio, vale a pena refletir sobre comunicação e cultura perante os avanços tecnológicos, nos quais as modificações brotam com o fluxo de elementos criativos que (re)conduzem diariamente a vida humana.

Disso (re)configura-se determinada produção de conteúdo na internet. Este ensaio destaca, de modo estratégico, consumo e tecnologia na atualidade. Ensaiar é testar, examinar e permitir que o exercício da reflexão e escrita compreenda maior liberdade interativa (Canclini, 2016). Entre certo e errado, há o convite para o/a leitor/a refletir acerca de dúvida e confiança como estados intermediários. Nasce aqui um ensaio crítico-reflexivo.

Segundo Canclini (2016, p. 51), “também é preciso desconfiar dos saberes sobre a totalidade porque continuamos pertencendo a nações e a desigualdade de acesso aos bens globalizados nos diferencia”. No país de tanta desigualdade social, torna-se adequado agenciar o lugar de fala (Ribeiro, 2017) para superar as dificuldades. A sociedade atual valoriza o ter e esquece do ser, cujo enfoque enfraquece a natureza do sujeito. A acomodação do sujeito contemporâneo parece não pensar, nem agir e aguardar que a decisão seja tomada; o que pode ser bem perigoso.

A seguir, observam-se três tópicos: *Diversidade*, *Mídias Alternativas*, e *Discussão*. De forma deliberada, são fragmentos textuais que alicerçam o esboço de ideias para conceber este texto-ensaio, cujo escopo observa, descreve e discute um posicionamento aberto às experimentações consensuais (ou não), às exemplificações de objetos/contextos e ao debate crítico, reflexivo e/ou conceitual, em constante transformação com a cultura digital. Isto é, o ambiente digital articula a produção e a disseminação da mensagens mercadológico-midiáticas, em diferentes formatos, para atingir o consumo, de forma prioritária.

## **Diversidade**

Na contemporaneidade, a diversidade instaura-se como processo de alternativas que abrem espaços para além do comum. Assim, a diversidade coloca-se no olho do furacão, cuja agenda de debates a legitima com tamanha relevância. Essa diversidade, então, elege a singularidade como fator recorrente à diferença. Ser peculiar implica multiplicar as chances de manifestação em uma pulsão de variáveis distintas, as quais permitem escolhas.

A noção de diversidade acena para divergências entre tradição e renovação de certas temáticas que se destacam na sociedade contemporânea. Afinal, a agenda de debates traz sempre novidades, pois divergir é ser diferente, discordar ou, ainda, trazer uma outra perspectiva que não a comum. Pode ser uma oposição, mas também pode ser algo novo que solicita uma leitura outra – outridade: aquela que não se constitui como habitual.

O fluxo assíduo de (im)possibilidades na contemporaneidade pauta alteridade, diferença e diversidade. Essa tríade equivale ao posicionamento de distribuição e acesso da informação no campo contemporâneo da comunicação, por exemplo. Sem dúvida,

trata-se, sim, de incentivar a gestação de ações – simultaneamente teórica e política – da produção de conhecimento atrelada à produção de subjetividade e à produção de informação.

Desafios intelectuais (acadêmicos e científicos) dos *estudos contemporâneos* demonstram um ensaio de abrangências inclusivas do sujeito ao discutir as condições adaptativas, sublinhar flexibilidades e negociar composições estratégicas. Na expressão da diversidade, enquanto categoria crítico-reflexiva, a instantaneidade torna-se um valor para a mediação do sujeito com aquilo que pode ser (re/des)feito, mesmo tendo poucos recursos.

Já na discussão sobre desigualdade social no Brasil, vale observar as equidades que deveriam proporcionar melhores circunstâncias da vida humana. Giannetti (2016, p. 100) expõe:

a falta de um mínimo de equidade nas condições iniciais e na capacitação para a vida tolhe a margem de escolha, vicia o jogo distributivo e envenena os valores da conveniência. A igualdade de resultado oprime, a igualdade de oportunidades emancipa.

A diversidade, então, ocasiona múltiplos aspectos econômicos, identitários, socioculturais e/ou políticos. O que prevê territórios intermediários na comunicação e na cultura, os quais entram em sintonia, se assim o for. Por um lado, o campo da comunicação atrela-se, cada vez mais, à pluralidade da cultura (Canclini, 2016; Sodré, 2013; Villaça, 2017). Por outro, se a diversidade absorve variáveis que se multiplicam na contemporaneidade, as mídias alternativas promovem um território de oportunidades enunciativas.

Da teoria à política (e vice-versa), a diversidade (re)arruma a ética nas relações humanas. O equilíbrio entre ética, estética e técnica intermedia a vida mediante aos parâmetros providenciais do respeito e da dignidade humana. Tal diligência plural articula uma multiplicação viva entre os/as envolvidos/as. Como políticas públicas para pensar o novo cenário (hiper)mediático, Yúdice (2016) considera que a diversidade deveria ir além do sistema hegemônico, porém foi cooptada e se tornou parte integrante do capitalismo. Essa circunstância não garante justiça social, pois apenas registra a distribuição de acesso à internet e às redes sociais.

A diversidade instaura um posicionamento crítico e, ao mesmo tempo, flexível sobre diferentes aspectos já apontados, os quais entrelaçam um sistema de

(re)apropriações e trocas simbólicas, diante de “novos/outros” contornos. Essa transversalidade projeta o fluxo da informação para deslocar os referentes culturais nas trajetórias e bifurcações labirínticas que servem de cartografias espaciais nessa contemporaneidade conturbada.

São alternativas primordiais cujas alternâncias multiplicam-se por estratégias para garantir a própria diversidade. Isso delinea subversões e/ou transgressões como ato inventivo de contemporaneidade, evocando substratos que (re)desenham uma perspectiva sociocultural e política. Sendo assim, o advento da diversidade propõe “novos/outros” caminhos, para além do convencional, e faz surgir “novas/outras” resultantes inigualáveis.

A diversidade permite variar. Portanto, as variantes discursivas – de decisões (im)precisas – compreendem qualquer alteridade e extrapolam o (re)agrupamento dessa diversidade quando se promulgam traços da diferença. Essa última aponta para características singulares do sujeito e sua sujeição (inter)subjativa – o sentir, o afetar e ser afetado.

Ao discutir sobre ascensão e declínio do sujeito em Nietzsche, Pelbart (2013, p. 110) afirma:

É provável que a condição contemporânea, incluindo aí o equívoco o desvio pelo pós-moderno, ou mesmo a condição ambígua da biopolítica, se caracterize precisamente pela conjunção esquizofrênica entre essas duas tonalidades afetivas, correspondendo a movimentos disparados, embora simultâneos, em que já não sabemos se estamos em vias morrer ou nascer, de lamentar ou celebrar.

Essa citação mostra o *complexus* da diversidade. Nota-se as significativas mudanças de paradigmas, conforme surgem as necessidades, bem como as adaptabilidades. Essa intensidade cria, sem dúvida, uma condição adaptativa sobre os processos comunicacionais com a utilização de dispositivos digitais – computadores, *tablets*, internet, redes sociais, telefone celular, entre outros. O digital permite fomentar alternativas plausíveis à disseminação de ideias e ideias.

Nos interstícios de fluxos virtuais, a diversidade (re)equaciona a experiência e a subjetividade do sujeito, sobretudo no ambiente digital, em especial atenta ao consumo. Para Sodré (2013, p. 67), “a tecnologia, fulcro da experiência contemporânea, é ferramenta e discurso”. Em certa ocasião, uma mensagem maximiza o enunciado e

amplia seus efeitos, na expectativa de alterar sua própria expressão de informação e consumo, na qual arquiteta um tom empolgante para divulgar o lançamento ou a manutenção de mercadorias.

Dessa forma, o protagonismo diluído nessa diversidade aproxima-se do desejo – distante de qualquer vertigem. A diversidade legitima a existência/essência do/a Outro/a. Trata-se de uma articulação entre o Eu e o/a Outro/a. Esse último supostamente torna-se “semelhante”, quando passa a convergir pontos distintos, que podem ser complementares ou opostos. A referência que se deve ter do/a Outro/a serve de parâmetro, para que ele também se tenha de mim – como reflexo do espelho.

Hoje, a idiosincrasia da diversidade diz respeito à variedade e à convivência de ideias e ideais: são características diferentes entre si, em determinado assunto. Isso requer eixos temáticos cada vez mais amplos a otimizar as variantes, porque é do confronto de diferentes posicionamentos. Essa idiosincrasia potencializa a lógica de múltiplas combinatórias em sua pluralidade: o que consegue elencar e abarcar uma máxima expressão de edificar um pensamento não-assentado à deriva. A diversidade na rede mundial é assim!

### **Mídias Alternativas**

De modo geral, o alternativo oferece flexibilidade em qualquer ato criativo para proliferar (re)ajustes. O que não se esgota, em razão da diversidade. Se alternar propicia metamorfoseamento, a chave seria transformar-se em camaleão, cujas mudanças (des)organizam o que já está dado para incorporar a novidade. Uma alteridade não remete à reivindicação de fala com determinada denúncia, ao esforço de transversalidades do sujeito. Como concepções fenomenológicas da intersubjetividade, a alteridade revigora-se de “outras/novas” proposições de sujeição.

Conforme Guénif-Souilamas (2014, p. 57):

Trata-se, portanto, de considerar a alteridade enquanto forma comum de existência, como ponto comum de divergência, cada pessoa extraindo de sua capacidade de juntar o que difere de si mesmo o impulso para romper-se. Longe de ser escrita por uma aversão ou uma desconfiança, esta alteridade interior, este outro de si e dividido, torna-se uma porção comum de todo indivíduo, a condição de possibilidade, o objeto de toda sua atenção e de seus esforços para se transformar.

Eminentemente, não adultera um simples sistema, mas insubordina com outros dados. A informação, então, potencializa a mensagem – como impulso intrínseco do sujeito. O cotidiano eleva-se como informação, ao aproximar comunicação e cultura. Tal dinâmica comunicacional convoca diferentes disposições críticas, reflexivas, políticas. Seria uma pluralidade fundamental num processo comunicacional, cujos/as envolvidos/as possam se manifestar à vontade.

Hindu (2004, s/p.) escreve:

es un tipo de comunicación alternativa a la dominante. Su injerencia en los procesos políticos con fines democráticos y su decidida voluntad de participar en los cambios sociales, son algunas de estas marcas que le permiten emerger cual espiral, desde lo popular, como respuesta a las formas dominantes de comunicación producto del capitalismo. Ello la hace alternativa a medios del status quo.

A comunicação alternativa, nesse contexto, surge como estratégia participativa da comunidade discursiva, em que o sujeito visa a troca de informação, em uma perspectiva democrática. Sinalizado pelo autor, o espiral como movimento circular (vai-e-vem) reuni diferentes vozes – uma alteridade – em razão do desenvolvimento humano.

Interessado em atingir o interesse coletivo, as mídias alternativas alteram qualquer informação, o que assinala um universo de possibilidades. O escopo maior dessas mídias traz à tona discordâncias plausíveis, com diferentes pontos de vista, admitindo diversos formatos. Mais que isso, registra uma informação de maneira mais coerente. Como nova era das mídias alternativas, agenciam-se os posicionamentos para modificar os ângulos de proposições.

As mídias alternativas são opostas às grandes mídias – ou seja, as mídias tradicionais do sistema hegemônico –, uma vez que não têm diretamente interesse comercial. Tais mídias não visam ao lucro como modelo de negócio, porém necessitam de recursos para se desenvolver, como financiamento coletivo (*crowdfunding*), por exemplo. Nesse caso, isso garante autonomia, emancipação e independência nas ações midiáticas, permitindo experimentar e/ou alterar uma posição crítica. Assim, elas evitam a manipulação massiva de tendências capitalistas por parte de governo ou empresa privada.



Para Downing (2002), as “mídias radicais alternativas” são modelos de informação contra hegemônica, que se entrecruzam a cultura massiva, a popular, bem como a cultura local e a regional, entre outras. Nesse conjunto, algumas variantes de mediação fortalecem as mídias alternativas (os movimentos sociais e/ou a cultura de periferia, caracterizadas por estarem à margem) como: grafite, internet, hip-hop, TVs e rádios comunitárias, teatro de rua e popular, vestuário etc.

Para observar as tecnologias emergentes somando-se às mídias alternativas, vale recortar o olhar nas experiências cotidianas, pois a sociedade contemporânea recorre ao espaço virtual para consolidar o consumo. Desse recorte do dia-a-dia, a novidade hoje chega pela internet e torna instigante considerar as alternativas que impactam o/a usuário/a-interator/a.

Segundo Vargas-Llosa (2012), a internet seria mais que uma ferramenta, ou seja, funciona como prolongamento do próprio corpo, que se adapta conforme o pensar e o agir. Ao (re)combinar a transmissão ágil de informação, a internet permite a distribuição de dados em uma esfera pública global. Downing (2002) sublinha a internet pela circulação da informação, a partir da interconexão. Ou seja, oferece a chance do sujeito comunicar-se com sua própria voz, de forma independente.

No *frenesi* mercadológico-midiático, tais proposições contaminam-se das chamadas mídias sociais para otimizar os deslocamentos pertinentes à alteridade, diferença e diversidade, ainda mais com a internet oferecendo produtos culturais globalizados. Na extensão desse pensamento,

Cultura é um conjunto de hábitos espontâneos tão profundos que não podemos ao menos examiná-los. (...) você precisa encontrar uma forma diferente, mais atual, de conferir legitimidade a seu modo de vida. E esse é o conceito de cultura. Se culturas são contingentes, podem sempre ser mudadas; mas não podem ser mudadas como um todo, e as razões que temos para mudá-las também são contingentes (Eagleton, 2005, p. 91).

Na cultura, preparar um sistema complexo de informação, discurso ou estratégia é codificar dados para serem decodificados pelo sujeito. A cultura fragmenta-se ao engendrar o lugar de fala (Ribeiro, 2017). A partir da diversidade, proliferam-se vozes destoantes do sistema hegemônico na perspectiva periférica das culturas minoritárias – mulheres, gays, negros/as, índios/as, idosos/as, deficientes físicos, entre outras –, cuja

diversidade com as mídias alternativas variam, de acordo com as mais diversas categorizações de conceitos híbridos. Essas minorias buscam alternativas para criar “novas/outras” enunciações estratégicas: algo consistente capaz de empoderar discursos e ações efetivas, com atitude robusta.

Conforme Freitas (2007, p. 197):

Por isso, a onda de produções que contemplam as formas de representação de minorias ideológicas e grupos politicamente dominados, tanto pela grande mídia como pelas mídias alternativas, nos move a refletir sobre o modo como tais grupos têm sido caracterizados, quando retratados, como grupamentos marginalizados (postos à margem) de representações dignas de reconhecimento – questão que se estrutura para além da preocupação que reside em termos quantitativos. Afinal, essa é uma questão de ordem não apenas tecnocrática, mas, também, político-social.

E as mídias alternativas, assim, empenham-se na caracterização de artimanhas criativas, capazes de promover um leque de oportunidades. Na subsistência midiática Herro (2011, s/p – grifo meu) afirma: “a razão pela qual fomos ao Brasil é que tem mais mídia alternativa do que qualquer país do mundo. Mas a questão é que há muito pouco pensamento sobre como fazer isso se tornar um meio de subsistência”<sup>3</sup>. Para subsistir no Brasil, alterar desarranja o ordinário, atordoia o convencional e solicita nova leitura, novo olhar. Uma aventura. Também, alternar pede nova abordagem...

## Discussão

Ao estudar a produção e a circulação da informação contemporânea, vale pensar sobre a diversidade em uma perspectiva da internet como mídias alternativas. Trata-se de (re)configurar a cultura digital – em especial seus dispositivos computadores, *tablets*, internet, redes sociais, telefone celular, entre outros, como já dito –, em particular as proposições alternativas. Essa última refere-se à arquitetura de informação para otimizar a lógica flexível que negocia tal diversidade, ainda mais mediante a internet no Brasil.

Um leque de modificações insere-se na cultura digital e inscreve um vasto espaço criativo, o qual desperta atenção. O digital suscita modificações estruturais na

---

<sup>3</sup> “The reason we went to Brazil is that it has more alternative media than any country in the world. But the issue is that there’s very little thinking about how to make it become a livelihood”.

sociedade atual. E a dispersão toma conta do sujeito como rotina que dificulta a concentração de qualquer atividade, em razão da cultura digital. A natureza humana, aqui, pede socorro – como exemplo: <http://desabafosocial.com.br/>.

Da diversidade às mídias alternativas, essas questões envolvem a produção de conteúdo na internet. Inevitavelmente, proposições alternativas (re)configuram a dinâmica de produção de conteúdo na internet com múltiplas formas de comunicação. Verificam-se parâmetros que anunciam a produção de conteúdo na internet, em especial na combinatória flexível dos campos contemporâneos da comunicação e da cultura acompanhada dos avanços tecnológicos.

A agência da interpelação pode também se distribuir subsidiariamente por diversos atores. No âmbito das redes sociais, executam esse papel criadores de conteúdo (jornalistas, publicitários, youtubers), personalidades notórias de várias áreas, usuários que ganham prestígio por conta de sua intensa participação, ou até robôs. Nesse universo aparentemente caótico ordenado pelo algoritmo, a predominância deste, potencializado pela recursividade, e a multiplicidade dos formadores de opinião relativizam o status de instâncias tradicionais de mediação, como o jornalismo (Castro, 2018, p. 10).

Como já indicado, parto da premissa de que o encontro de dois fatores distintos – diversidade e mídias alternativas – acarreta mudanças radicais nessa produção de conteúdo. Produzir conteúdo na internet causa disputas, pois as características de qualquer assunto/tema (re)conduz ao uso de mídias alternativas, como as redes sociais. Ou seja, o ato comunicacional sem referentes adequados pode proporcionar equívocos. Algumas nuances são (re)conhecidas como informação na exposição com ao/à outro/a como prática sociocultural.

No contexto atual das transformações do jornalismo e do desequilíbrio estrutural dos seus pilares, empresas tradicionais buscam formas de garantir sua sobrevivência, novas formas de financiamento são experienciadas, profissionais testam alternativas para o exercício da profissão e iniciativas jornalísticas emergem no mundo digital. A narrativa, por sua vez, incorpora a tecnologia alterando e alternando formatos e plataformas, outros agentes ingressam no processo de produção de conteúdo informativo agregando expertises, o público deixa de ser uma abstração na cadeia reprodutiva do jornal, exploram segmentos e nichos. Enfim, o impacto gera múltiplas manifestações dissociadas ou não (Rocha, 2018, s/p).

Parece que as novas formas de produção de conteúdo devem melhorar sua própria exposição de ideias para aprofundar os pontos relevantes no equacionamento de um fato e uma notícia. Mais que isso, a informação mal colocada na internet pode confundir as pessoas caso não esteja bem-disposta. Com criatividade, por exemplo, é possível testemunhar o lúdico como estratégia discursiva na internet para originar um número maior de acesso e circulação da informação.

A questão que rege, aqui, prevalece-se no empenho da pesquisa acadêmica que aproxima diversidade e mídias alternativas no ambiente digital. Do panorama retratado até agora, saberes e práticas devem tangenciar esse tipo de discussão que se multiplica na atualidade sobre consumo e tecnologia.

De uma confrontação epistemológica da comunicação social, verificam-se as contradições no processo comunicacional, em especial na produção de informação atualizada na internet. As características insistentes da grande mídia para tentar persuadir e manipular o público diferencia-se das expectativas de novos direcionamentos na produção de informação pelas vias alternativas, distantes do sistema hegemônico, sobretudo com a ideia de mercado-mídia que eleva o consumo exagerado, ou melhor o consumismo.

Nesse fluxo, alternar é revirar a lógica do comum para gerar demanda para além do sistema hegemônico. A mensagem interage produtor/a e consumidor/a de conteúdo, em qualquer prática sociocultural, cuja informação se desfronteiriza (Villaça, 2017). Por um lado, criar uma mensagem é diferente de receber mensagem. Por outro, divulgar um produto na internet implica na disposição de tornar pública uma ideia. Como alternativa ao paradigma da contemporaneidade, seria colocar em xeque incongruências e idiosincrasias sobre as estratégias da diversidade para efetivar um eixo transitório de informação.

O que aponta para a contemporaneidade são diretrizes tecnológicas e, assim, é possível assistir diferentes modos de propor e/ou comentar uma informação na internet. No destaque de complexidades, contradições e paradoxos da atualidade, o volume intenso de expressões (de)marca enunciados contundentes, inclusive a respeito do contemporâneo. Esse último (re)enquadra-se para além de espaço-tempo, como Gumbrecht (2016) sinaliza a ideia de *cronótopo*, cuja instâncias temporais – entre passado, presente e futuro – não se fixam e, portanto, variam, de acordo com o espaço (e

vice-versa). As variantes temporais (passado, presente e futuro) (inter)ligam-se com o espaço na passagem para o novo.

Desse cenário enfatizado de táticas ferozes, pensar a crise da representação econômica, política, entre outras, seria solucionar o irresoluto que atinge a sociedade contemporânea. Ou seja, algo que almeja ideologias e/ou utopias. No contemporâneo surge um mundo de vicissitudes, longe de qualquer perspectiva normativa do sistema hegemônico (*mainstream*), como tendência predominante que proporciona barrar, castrar, diminuir, eliminar, excluir. Essa hegemonia tende a informação massificada, em razão do *constructum* econômico do capital. As chamadas mídias sociais – observadas como propostas alternativas – contribuem para uma reflexão que questiona o dominante, na esperança de melhorar a utilização da internet.

Porém, isso solicita atenção para a formação do sujeito a valorizar a experiência humana, a qual fortalece o desenho de um cenário indômito. Paradoxalmente, verificam-se circunstâncias que merecem apontamento e reflexão em sala de aula ou em casa, uma vez que as redes sociais abriram as portas da virtualidade, para além do senso comum. Vale (re)pensar acerca das “novas/outras” formas de comunicação cada vez mais sofisticadas tecnologicamente. Na formação de profissionais de comunicação (jornalistas, publicitários, cineastas etc.), na atualidade, esse tipo de questão levantada pode ser exemplificado com inquietações como: pós-verdades e/ou *fake news*.

E, conseqüentemente, a informação confunde-se com o entretenimento para direcionar ao consumo. Informar e entreter são mecanismos discursivos distintos que operam com a linguagem (de qualquer sujeito e/ou objeto, em seu respectivo contexto), porém contém suas próprias peculiaridades estratégicas. Se informar é chamar a atenção para certo contexto, entreter seria desviar o foco para iludir. Logo, ambos possuem funções opostas.

### **Considerações finais**

As impressões desenvolvidas neste texto-ensaio procuraram apoio na pergunta-problema, indicada logo no início da escrita: como investigar dinâmicas atuais entre diversidade e mídias alternativas no ambiente digital, ao permear a produção de conteúdo na internet?

Do ponto de vista acadêmico, examinar alguns/algumas autores/as da contemporaneidade auxilia no desempenho crítico, reflexivo e conceitual, embora não se pretende evidenciar uma proposição assertiva. Afinal, trata-se de (re)considerar as articulações estratégicas desse texto-ensaio na contemporaneidade e sua própria flexibilidade enunciativa. Indiscutivelmente, vale a pena continuar a refletir sobre essa realidade virtual que atinge e fascina o interesse pelo consumo associado às tecnologias emergentes.

Do ponto de vista profissional, o mercado-mídia solicita uma atitude devoradora de resultados capitalistas com vantagem e lucro. Para os/as profissionais de comunicação (jornalistas, publicitários, cineastas, entre outros/as), assim como os/as influenciadores/as digitais (blogueiros/as, youtubers/as, videobloggers/as), a produção de conteúdo para a internet está bastante disputada, se pensar que a relevância de cada *click* determina o valor monetário de cada matéria postada como: foto, texto, vídeo, depoimento, entrevista, merchandising etc. E há uma rica mistura de formatos e possibilidades comerciais, cujos/as seguidores/as legitimam essa performatividade correspondendo à demanda do desempenho capitalista.

Do ponto de vista da político, é preciso combater os equívocos que promovem o consumismo, a começar pela informação distorcida. Oposto a isso, observam-se nas redes sociais diversas reações incoerentes, sem qualquer fundamento, com comentários duvidosos, pois um grupo enorme deseja se manifestar *on line*. Mas, falta qualidade na discussão. Nesse momento, resta ter critérios rigorosos para produzir conteúdos com cautela, pois não se deve fazer isso de qualquer maneira para não ter prejuízo.

Socializar uma ideia é tão sério, que se deve ponderar cada argumento exibido com responsabilidade, porque o que foi exposto na internet fica registrado para sempre...

## Referências

- CASTRO, J. C. L. de. Interpelação, perfilamento e performatividade em plataformas algorítmicas. In: *Anais do XXVII Encontro Anual da Compós*, 27, p. 1-21, 2018, Belo Horizonte: PUC-Minas, 2018. Disponível em: <goo.gl/gjnb7z> Acesso em: 15 jun. 2018.
- CANCLINI, N. G. *O mundo inteiro como lugar estranho*. São Paulo: EdUSP, 2016.
- DOWNING, J. D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Senac, 2002.
- EAGLETON, T. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FREITAS, R. de O. A periferia da periferia: mídias alternativas e cultura de minorias em ambientes não-metropolitanos. *Especiaria: cadernos de ciências humanas*. v. 10, n.17, p. 191-212, jan/jun 2007. Disponível em: <goo.gl/JUEnUc>. Acessado em: 10 mai 2018.
- GIANNETTI, E. *Trópicos utópicos: uma perspectiva brasileira da crise civilizatória*. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- GARCIA, W. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Thomson, 2005.
- GUÉNIF-SOUILAMAS, N. Á flor da pele, sob a pele: duas variações técnicas e tecnológicas sob a alteridade interior. *Cadernos de subjetividade*. NEPS-PPGPS-PUC-SP, n. 16, p. 57-66, 2014.
- GUMBRECHT, H. U. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. São Paulo: Unesp editora, 2015.
- HERRO, A. Fellows Friday with Jessica Mayberry. *TEDBlog*, January 14, 2011. Disponível em: <goo.gl/3r54bh>. Acessado em: 16 mai. 2018.
- HINDU, A. Comunicación alternativa o comunitaria. 10/12/2004. Disponible en: <http://www.aporrea.org/actualidad/a11082.html>. Acceso en 18 mar 2012.
- PELBART, P. P. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1, 2013.
- RENDUELES, C. *Sociofobia: mudança política na era da utopia digital*. São Paulo: SESC edições, 2016.
- IBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- ROCHA, P. M. Desafios tecnológicos e de gestão impactam veículos brasileiros de pequena escala. *Observatório da Imprensa*, n. 991, 09/05/2018. Disponível em: <goo.gl/8y8fUS>. Acessado em: 16 mai. 2018.
- SODRÉ, M. Um novo sistema de inteligibilidade. *Questões transversais: revista de epistemologia da comunicação*. São Leopoldo, Unisino, v. 1, p. 66-73, 2013. Disponível em: <goo.gl/yKodQk>. Acessado em: 20 mai. 2018.
- VARGAS-LLOSA, M. *La civilización del espetáculo*. Buenos Aires: Afaguara, 2012.



VILLAÇA, N. Comunicação, desfronteirização dos gêneros e estratégias identitária. *Artfactum: revista de estudo em linguagens e tecnologia*. V. 15, n. 2, p. 1-14, 2017. Disponível em: <[goo.gl/RzsBfg](http://goo.gl/RzsBfg)>. Acessado em: 20 mai. 2018.

YÚDICE, G. (2016). Os desafios do novo cenário midiático para as políticas públicas. *Observatório*, São Paulo, Itaú Cultural, n. 20, p. 87-113, 2016. Disponível em: <[goo.gl/ACJ9Ri](http://goo.gl/ACJ9Ri)>. Acessado em: 20 mai. 2018.